

Pesquisa em Ação Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello
(Organizador)



 Editora
Atena

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

Pesquisa em Ação
Trilhando Caminhos em Educação

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-00-0
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
CAPÍTULO 2	7
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
CAPÍTULO 3	14
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
CAPÍTULO 4	24
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinart Steinle</i>	
CAPÍTULO 5	33
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
CAPÍTULO 6	39
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
CAPÍTULO 7	50
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
CAPÍTULO 8	58
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
CAPÍTULO 9	68
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
CAPÍTULO 10	80
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

CAPÍTULO 11	89
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 12	97
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
SOBRE OS AUTORES	105

NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO

Marta Lizane Bottini dos Santos
marta.lizane@gmail.com

Ursula Rosa da Silva
ursularsilva@gmail.com

Ronaldo Luis Goulart Campello
ronaldo.campello@hotmail.com

Introdução

Este texto trata de se ocupar sobre uma pesquisa que versa de assuntos relativos ao corpo e o que demanda este tema. Alinha-se com questões pertinentes a práticas metodológicas docentes, e tencionam o arco de questões a partir de um viés cartográfico de pesquisa, e tal estudo se faz no Programa de Pós-graduação de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; produzindo/propondo inquietações desde tempos em que esta aluna –agora pesquisadora– cursa sua Licenciatura em Artes Visuais nesta Universidade (2012), amenizando suas aflições quando encontra na literatura pós estruturalista suporte para responder algumas de suas agitações acerca do tema.

O tema é extenso e palco para observações e discussões em muitas áreas do conhecimento: Filosofia, Artes, Ciências Biológicas, Educação, entre outras, e, possibilita criar linhas que escapam ao diálogo à medida que vamos adentrando ao tema e sendo atravessados por questões

inquietantes que pedem a palavra ao tratar deste assunto, e para além das univocidades de que tratam tais ciências, não quero aqui derrubar as frutas que já sem forças, mal conseguem suportar os ventos que tocam suas faces, mas sim, apanhar algumas destas frutas que podre estão e limpar um pouco, arejar/permitir que entre um sopro de ar fresco por entre seus galhos, que tortos nos levam a muitos lugares...

O que se pretende ao tratar do corpo nesta pesquisa é antes de tudo, pensá-lo em sala de aula, como se portam? Como é pensado? Se é pensado? Como professoras dos anos iniciais do ensino fundamental tratam tal assunto e se tratam como criam possibilidades de pensar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre este corpo. Portanto, algumas destas linhas que escapam levam ao conceito, por exemplo, de corporeidade que segundo Ahlert (2011, p. 04) “indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta”. Cabe aqui tencionar o arco de questões e perguntar: este corpo que preenche espaço se movimenta em sala de aula?

O corpo é rico de possibilidades que podem ser explorados por professores de diferentes formas potencializando deste modo o aprendizado, mas, para trabalhar com este conceito, o educador

deve compreender sobre questões relativas ao tema, pois, inúmeros autores problematizam o assunto a partir do arcabouço conceitual do qual faz seus estudos problematizando-o desta forma e criando assim, discussões que vem ao encontro de possibilidades ou não de melhor fruir sobre este assunto. Nos passos seguintes deste texto a proposta é caminhar ao lado de um ou outro autor, que aproxime suas ideias as desta pesquisadora, e ver sob suas perspectivas como observam este corpo... Em seguida, pretende-se tratar como o método aqui apresentado, o cartográfico, e além das discussões tratar de expor, mesmo que minimamente, de onde surgiram as inquietações sobre este tema, e concluir este artigo não respondendo as perguntas aqui propostas, não tratar de por curativos e malagmas e pomadas sobre as feridas que se fizeram, mas sim deixá-las abertas e ir com o tempo vendo/observando estas feridas cicatrizarem e procurar ai, desta forma, um meio de aprender, e ir movendo-me em meio as discussões, as leituras, escritas e com o tempo buscar alcançar a fruta mais sadia que esta no topo da árvore, compreender como este corpo se faz em sala de aula, por exemplo...

Muitos autores quando falam sobre o corpo, tratam sobre o conceito de corporeidade; Ahlert (2011, p. 4), por exemplo, nos faz refletir sobre o termo nos trazendo em sua fala seu pensamento que “indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo”.

A corporeidade é o que esta para além de um conjunto orgânico, pele, músculos, fibras, tecidos ajustados sobre uma estrutura óssea que protege órgãos e que compõe em sua soma um sujeito que se relaciona com seus pares.

A compreensão do termo corporeidade vem unir o que a ciência durante séculos dicotomizou (corpo e mente). [...] é buscar entendê-lo [o ser humano] dentro da complexa teia de relações, que nos constitui e marca nossa existência no mundo; é valorizar igualmente todas as dimensões presentes na nossa história; é com elas encontrar-se, percebendo suas interações e relações na construção dos indivíduos e, principalmente, compreender que nossa existência se dá a partir de nossa corporeidade. (SOUSA, 2001, p. 195).

A corporeidade é analisada como sendo a ação do corpo a partir de atos experienciados. O corpo traz marcas sociais e históricas, cuja leitura norteia e delimita a ação do indivíduo em suas ações em coletividade (RODRIGUES, 2009).

Pois o individuo e [...] a espécie de animais que somos segundo o nosso modo de viver - vale dizer, nossa condição humana - ocorre no modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo que configuramos enquanto vivemos (MATURANA, 2004, p. 9).

Por corporeidade pode-se apreender a gestualização, a forma como nosso corpo fala, e o modo como ele o faz. Um olhar perdido, um franzir de testa, sobranceiras. Um estar inquieto no assento, um não parar de movimentar pés ou mãos, enfim. São inúmeras as formas como nosso corpo se expressa. E pensando nas crianças e nos jovens estudantes, que se encontram nos bancos escolares, e no tanto de disposição que existe nesta fase da vida de seus corpos ainda joviais, sendo docilizados.

É inicialmente na escola que desenvolvemos as primeiras noções de relações sociais,

convivendo desde bem cedo (pré-escola) com nossos pares, e, neste processo que segue até a vida adulta necessitamos de direcionamentos que nos capacitam ao convívio em sociedade. De tal modo, é imperativo compreender que se o docente tiver um olhar mais compassivo e distinto para o mundo pode direcionar o educando a uma participação mais plena/total em suas aulas, de forma criativa e instigadora.

Acredita-se que o professor seja aquele que possa ser/fazer a diferença dentro da sala de aula, como também em sua escola, contribuindo na edificação do conhecimento possibilitando e fomentado assim, a construção de um público ávido em suas mais distintas formas de expressão e desta forma se pensa que tratando com mais acuidade temas pertinentes ao corpo, possibilitando que os educandos tenham outras formas de aprender sobre seu currículo disciplinar.

Aprende-se brincando, e a criança em seu imaginário se desenvolve mais plenamente desta forma. Proporcionar abordagens mais ricas em atividades nas quais estes educandos descubram seu corpo através, por exemplo, do Teatro, da Dança, das Artes Cênicas são alternativas de educar de uma forma mais abrangente...

Corpo como aparelho de mudanças

Nos tempos atuais temos o corpo no seio central de inúmeras discussões. O corpo é moeda usual, instrumento onde mudanças e conquistas ocorrem, por exemplo, nas áreas médica e estética, neste novo século, ainda com mais abrangência. A tecnociência, e os inúmeros avanços nas práticas de medicina em virtude de uma grande expansão na área das tecnologias provocam/proporcionam estes avanços. A beleza eterna que se busca, e se constitui em práticas de exercícios físicos a todo instante propagados como aliados de um bem estar emocional/social transformando a forma física do corpo que se molda a cada época em sinônimo de saúde e beleza. Nesta atual época, exigem-se corpos magérrimos e bem delineados. Envelhecer não é mais permitido, “a morte e a velhice que surgem para atemorizar este homem que hoje é biotecnológico prende-se ao ‘culto ao corpo’” (SIBILIA 2012, p. 151). As sociedades atuais cultuam em demasia o corpo que em sua estrutura literal, busca ainda cumprir seu papel e funções. Porém, na atual sociedade este corpo bem delineado é sinônimo/status de consumo, objetivo a ser alcançado. Neste caso é a síntese do embate entre o envelhecimento/morte, trazendo uma concepção de corpo redefinido, o velho torna-se um estigma porque está à mercê do tempo e da natureza. A negação do próprio corpo insta a conquistar a qualquer custo à visibilidade e a celebridade midiática para poder ‘ser alguém’ na sociedade atual (SIBILIA, 2012, p. 149). O corpo se torna um instrumento para fixar sujeitos no seio social, do qual se quer fazer parte. Ocorre o hibridismo entre a carne e técnica que enfatiza a fabricação de biomateriais, que são mesclados aos terminais nervosos e musculares, ao associar ciências biológicas, informática e robótica. Se desenha um novo mundo de sentidos, com a definição esperançosa que precisa ir além dos seus limites tradicionais e de configurações impostas. Porém, é recorrente a visão que considera o corpo como

obsoleto, despojado de valor, tornado insípido e suscetível de todos os emparelhamentos tecnológicos ou de todas as experiências extremas para ampliar suas possibilidades, suprimi-lo ou convertê-lo em simples suporte (LE BRETON apud STERLAC, 2013, p. 52).

O corpo ampliado pela biotecnologia vai deixando de lado um corpo obsoleto que se transforma com o passar dos anos. E no cerne de tantos avanços que vem ocorrendo se torna relevante “refletir sobre as desordens e diferenciados ordenamentos decorrentes dos avanços tecnológicos”.

Guacira Lopes Louro nos diz que “o corpo é o que se diz dele” (p. 12) ao passo dos longos dilemas contemporâneos que estabelecem um percurso entre a construção individual do corpo e sua gestão social sendo que estes dilemas perpassam por questões como “bioética, bioestética, biopoder e biotecnologia” (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 8) estimulados por/diante de, um mundo em transformação onde se vive uma “progressiva banalização da experiência humana. Essa condição nos traz imensos desafios, como a urgência de construir corpos nos ritmos acelerados das mudanças tecnológicas” (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 8). O corpo que hoje possibilita discussões, busca de forma incessante, a beleza eterna, que se constitui nos mais íntimos/fugazes desejos. E desejar é construir agenciamentos, pois “nunca desejamos algo só, sempre em um conjunto de coisas³⁰”.

O ser humano vem experimentando, nos últimos anos, um processo de transformação, no seu modo de vida. Para Sibilía (2012, p. 145) “os corpos humanos podem cada vez mais, e podem durante mais tempo”. É desde os anos 50 que a experiência de mixar corpo e as tecnologias vem deslocando da ficção para o cotidiano das pessoas, do marca-passo aos chips; dos condutores elétricos que emitem sinais nervosos do cérebro para os órgãos; as diversas próteses instaladas no corpo para superar deficiências, curar doenças, realçar aspectos da beleza, favorecer a juventude e revitalizar o desempenho corporal; “os confins do corpo humano estão sendo redefinidos” (SIBILIA 2012, p. 146).

Á tecnociência, possibilita ser quem quiser e a incisão de inúmeras práticas cirúrgicas possibilita, inclusive, a troca de sexo. Nasce-se homem e ocorre à mudança para assumir-se como mulher e vice-versa, “o princípio de identidade torna-se tão obsoleto quanto às formas corporais indefinidamente remanejáveis” (LE BRETON, 2013, p. 49). O corpo parece feito de “máquina, imagens e informações” (SANTAELLA apud DYENS, 2007, p. 130). Os corpos aparecem “borrados, moldados e transformados pela tecnologia” (ib).

Sobre a beleza e o corpo

A Filosofia proporciona reflexões acerca de questões pertinentes ao convívio social. Francisco Romão Ferreira em “Ciência, Arte e Cultura no Corpo: A construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas” traz um diagnóstico amplo de como o corpo foi observado, desenhado, diagnosticado sob as “três asas do conhecimento: Arte, Filosofia e Ciência” nos últimos séculos (FERREIRA 2011, p. 77). O autor citado

30 Ideias elaboradas a partir da letra “D” de Desejo, contidas no Abecedário. O Abecedário de Gilles Deleuze é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uoJVXjdBwgQ> > acessado em 02/09/15.

faz observações precisas de como as “principais correntes artísticas, por exemplo, no século XIX iriam pintar o corpo” (ib.) e, de como se iriam representá-lo. Muitos artistas trazem dentro dos movimentos artísticos como, por exemplo, o Romantismo, Naturalismo, Realismo, Impressionismo, esta representação do corpo adequando-o a cada época, mas, é o Modernismo que vai reunir “correntes artísticas que se propõem a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico e tecnológico, da civilização industrial” (FERREIRA 2011, p. 78). Sendo que, nos dias de hoje “a beleza passa a ser realidade, a massificação e a homogeneização como partes constitutivas do mundo moderno industrial em ascensão” (FERREIRA 2011, p. 79).

No início do séc. XX se vê “uma mudança radical da silhueta e dos padrões de beleza corporal, principalmente para as mulheres” que são as que ‘mais sofrem’ (FERREIRA et al, 2011, p. 80) com as imposições dos novos padrões de beleza imposta. Mesmo que cada corpo possua suas características, atualmente se está imerso em uma sociedade que cultua o corpo, valoriza-o em demasia. E ocorre que o sujeito se adéqua aos padrões de beleza vigente das sociedades nas quais esta imerso, o corpo sofre com as conformações das sociedades nas quais esta instalada. São os corpos malhados e delineados, com curvas corretas cujo sinônimo é de beleza e saúde. Parece que o sujeito contemporâneo esta vinculado ao status que os discursos sobre a estética do corpo impõem. E, é “especialmente com a estética, um dos marcadores por excelência do status de saúde do corpo na atualidade” (GUTTERRES, 2015, p.15).

O filósofo contemporâneo Michel Foucault mostra, em suas pesquisas, como o corpo, na modernidade, a partir de uma sociedade disciplinar, conseguiu, através de técnicas próprias, docilizar e moldar sujeitos, em prol de interesses da sociedade onde “a racionalização da sociedade ocidental que encontrou no corpo humano um novo objeto de exploração e controlo. A modernidade terá sido por isso, responsável pelo desenvolvimento de uma nova forma de poder centrada no corpo” (PEREIRA apud FOUCAULT, 2010, p. 45) e pensando sobre isso, refletindo sobre práticas pedagógicas possíveis penso se este corpo é pensado em sala de aula, é discutido frente a todos estes temas, por exemplo, aqui ressaltados.

Cartografando práticas e docências

A proposta deste trabalho utiliza o método cartográfico de pesquisa proposto por Deleuze e Guattari (1995) o qual possibilita trabalhar de um modo onde o que nos interessa mais são os processos, e não o que resulta das investigações, ou seja, as oscilações da/na construção das atividades, as discussões, o que se propôs a fazer, e como foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). “A proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres e não a conclusão” (CAMPELLO, 2016, p. 21), faço cartografia quando me proponho a ler, escrever; reescrever e sempre inquietar-me com o que esta sendo produzindo, ou com o que esta sendo e como esta sendo problematizado. Sempre pensar maneiras novas,

ou não, de questionar o que se propõem a cartografar.

A experiência como aluna no curso de Artes Visuais, e posteriormente, nas observações realizadas no período de estágio (2012/15), potencializou refletir sobre a ação docente e dos assuntos acolhidos sobre o corpo para atuar dentro da sala de aula, ou seja, este tema, o corpo, me inquieta desde algum tempo, desde quando observo os conteúdos programáticos que são dispostos aos professores e não se tem temas que possam ser pertinentes à discussão sobre o assunto tratando com mais profundidade, adentrando em águas mais turvas e mais profundas, assim como, também mais revoltosas. A escola não relativiza muita acuidade a temas relativos ao corpo, quando faz trazer a tona à sexualidade e a cuidados nos modos de se relacionar, a como utilizar este corpo para a prática de exercícios físicos, não menos importante, mas não creio que seja só isso, é preciso mais, é um modo, uma investida superficial.

O professor assume o papel de contribuir na edificação do conhecimento da criança, cujo objetivo é buscar a construção de um público ávido em suas mais distintas formas de expressão. O corpo pode ser um rico manancial no processo de ensino/aprendizagem, possibilitando um novo diálogo sobre os diversos contextos do sujeito.

No modo de ensinar contemporâneo o professor tem a possibilidade de utilizar-se dos recursos que achar necessário para potencializar seus alunos para o despertar de práticas que possibilitem reflexões, intervenções de forma inventiva e instigadora e discorrer sobre o corpo como instrumentos que ofereçam aos docentes e discentes possibilidades de explorar, de distintos modos, o aprendizado em detrimento a uma atitude e de métodos que possibilitem criar ambientes solícitos ao ensino potencializando a criatividade e lúdico do educando possibilitando um derrame que extravase de forma consciente e inventiva seu modo de se expressar. Ao trabalhar com tais conceitos, exige do educador um envolver-se, um questionar ações acerca do corpo e da corporeidade, um pensar sobre o assunto em contextos que manifestam-se incidentes, não só em sala de aula, mas em um contexto mais amplo, pensar sobre as questões que envolvem o corpo na sociedade desta época.

Realizo cartografia quando regresso nas leituras e escritas deste texto e o refaço, uma, duas, três ou mais vezes, desta forma não sou mais a mesma de antes, porque sempre acrescento coisas novas, retiro o que já está gasto, observo com outros olhos estas linhas e repenso sobre este corpo que tanto me inquieta, vejo outras possibilidades de pensar práticas docentes que interajam com este corpo dócil que está sendo sentado nas classes de sala de aula gritando, pulando, sacudindo-se, pedindo para ir ao banheiro uma, duas, três ou mais vezes. Ando por caminhos que não são mais os mesmos. “O cartógrafo é formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar” (POZZANA, 2014, p. 61).

Encerrando (por agora...)

Ao tempo que cada sociedade que se forma, de tempos em tempos, percebemos os novos contrastes que se fundam e as marcas que se tornam visíveis nos costumes,

nas vestimentas, e temos/percebemos nos corpos mais evidentemente tais mudanças. O trabalho de pesquisa ao qual se refere este texto encontra-se em andamento, no entanto, esta escrita trouxe algumas reflexões acerca de assuntos referentes ao corpo, e como este tema gera discussões, a partir da compreensão que temos na ciência a qual estamos imbricados, por exemplo, às práticas pedagógicas docentes, práticas de sala de aula nas series iniciais, observadas desde um remoto período, enquanto graduanda no curso de Licenciatura em Artes Visuais que provocam inquietações que ainda seguem pulsantes e fortes no que trata sobre estes temas, tendo a cartografia como proposta de método de pesquisa buscando compreender este corpo como é pensado, se é, no contexto de sala de aula.

Ao refletir justificativas sobre o estudo deste tema neste trabalho e sobre a opção de argumentos indicativos ao corpo pretende-se com isso potencializar reflexões sobre ajuizamentos sociais, que desde a infância forjam sujeitos. Neste trabalho buscou-se trazer reflexões sobre o corpo em sala de aula, trazendo a discussão observações de autores que problematizam este tema, e contextualizam sobre a beleza do corpo, e este corpo pós-orgânico, e alio a estas falas inquietações observadas em sala de aula enquanto este corpo é manancial de possibilidades aos professores e alunos a ser explorado de diferentes formas, em prol ao processo de aprendizagem de técnicas, expressões e a fruição, potencializando o lado ‘criador’ e lúdico da criança para que transborde e extravase de forma consciente e criativa.

Potencializar reflexões sobre assuntos relacionados ao corpo e a corporeidade, são necessários. A educação sobre o corpo, atualmente, assume um papel significativo como recurso nas práticas pedagógicas, pois o corpo é fluido, líquido, alterando-se e formando-se, a partir de novos conceitos cotidianos.

Pensar o corpo, atualmente, assume um papel significativo como recurso nas práticas pedagógicas; sendo que o corpo é fluido, líquido, alterando-se e formando-se, a partir de novos conceitos cotidianos, para tanto é preciso que exista sensibilidade e referencial teórico adequado para tratar com o referido tema.

Referências

AHLERT, A. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. *Revista Ibero-americana de Educação*. ISSN: 1681- 5653 - nº. 56/1–15/07/2011. In: Disponível em <<http://www.rieoei.org/deloslectores/3880Ahlert.pdf>> acesso em 16/06/2012.

CAMPELLO, R. L. G. *Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino*. 2016. 78f. Dissertação (mestrado) - Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

COUTO, E. S. *As façanhas dos extremos. O triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais*. In *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Eivaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.)*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

- FERREIRA, F. R. *Ciência, arte e cultura no corpo: A construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas*. Editora CRV. Curitiba – Brasil. 2011.
- FOUCAULT, M. *Historia da sexualidade I. A vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. in. Do original em francês: *Histoire de la sexualité I. la volonté de savior*.
- GUTTERRES, B. R. *Lições sobre corpos e estilos de vida nos anúncios publicitários de academias de ginástica*. 2012. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA - como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Disponível em: < <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM150.pdf> > acessado em 15/09/15.
- KASTRUP, V. *O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção* In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p.465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>> acessado em 30/08/2015.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*/ David Le Breton; tradução Marina Appenzeller. – 6ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2013.
- LOURO, G. L. *Desafios*. in *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.
- MATURANA, H. R. - *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia* / Humberto R. Maturana, Gerda Venden. Zöllner; tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. – São Paulo: Ed. Palas Athenas 2004.
- PEREIRA, A. L. *Do “cuidado de si” nas ginásticas de academia*. In: GOMES, Rui Machado et al. (Orgs.). *O corpo e a política da vida*. Lisboa: Editora Rui Machado Gomes, 2010.
- POZZANA, L. *A formação do cartógrafo é o mundo: Corporificação e afetabilidade*. In *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum/organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco* – Porto Alegre: Sulina, 2014. 310 p. (2).
- SANTAELLA, L. Pós-humano Por quê? *Revista USP*, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/74/09-luciasantaella.pdf>> acessado em 02/09/15.
- SIBILIA, P. *Imagens de corpos velhos. A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais*. In *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.
- SOUSA, H. H. L. de. Vygotsky e o brinquedo: corporeidade e aprendizagem. *Comunicações. Piracicaba*. v. 8, n. 1, p. 192-196, jun. 2001.

SOBRE OS AUTORES

Alberto d'Ávila Coelho Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – IFSUL; Dep. de Ensino de Graduação e de Pós-Graduação Membro dos Grupos de pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia. EXPERIMENTA/ CNPq/ IFSUL ArteVersa - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - CNPq/FACED/UFRGS

Amélia Teresinha Brum da Cunha Doutora em Educação. Bolsista Pós-Doc. no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEL). Membro do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Educação/UFPEL. Áreas de interesse: gênero e educação; políticas educacionais; currículo; formação docente.

André Luis Ferreira Andrejew Graduação em Matemática Aplicada e Computacional; Mestre em Ciência da Computação e Doutor em Informática na Educação. Atualmente é professor do departamento de educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Carla Gonçalves Rodrigues Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

Carla Vargas Bozzato Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Catiúscia Daniela Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Cynthia Farina Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coord. do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); Prof.^a do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Pelotas RS, Brasil.

Denise Nascimento Silveira UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Física e Matemática – IFM; Departamento de Matemática e Estatística – DME Campus Universitário Capão do Leão – RS - BRASIL

Fabrcio Monte Freitas Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG/ UFSM/UFRGS/Unipampa; Lic. Matemática – Mestre em Educação. SEDUC RS – EEEM Dr. Augusto Simões Lopes; Pref. Mun. de Pelotas – EMEF Antônio Joaquim Dias; Colégio Sinodal Alfredo Simon

Haidi Werhmann Reinar Steinle Psicopedagoga Clínica e Institucional.

Josimara Wikboldt Schwantz Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL - PPGE.

Jorge Garcia Mestre em Educação pelo curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – MPET- IFSUL;. Especialista em educação – IFSUL. Graduado em licenciatura e bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

Juliana Boanova Souza Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Pertence ao grupo de professores do Projeto de extensão Desafio pré-vestibular da UFPEL.

Jussara Senna Costa Duarte Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Especialista em EAD – UCB; Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta/ CNPq/ IFSUL.

Lidiane Maciel Pereira Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e Mestranda no Programa de Pós Graduação desta mesma Universidade. Atualmente busca por temáticas ligadas a educação inclusiva e educação Matemática.

Luis Roberto Volz de Oliveira Docente de Linguagens e suas Tecnologias com formação em Lingüística.

Maicon Farias Vieira Mestre em Educação e Tecnologia: Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL – Rio-Grandense – Campus Pelotas - RS. Professora Estadual de Língua Portuguesa em Pelotas - RS. Participante do Grupo de pesquisa Discurso Pedagógico.

Marcio Nilander Ávila Barreto Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas. Acadêmico de Pedagogia FAE/ UFPEL. Graduado em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e. Membro do GP Discurso Pedagógico.

Marta Lizane Bottini dos Santos Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UFPEL

Neemias de Oliveira Steinle Docente de Linguagens e suas Tecnologias e de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com formação em Lingüística, Pedagogia, Psicopedagogia.

Ronaldo Luís Goulart Campello Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Membro do Grupo de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta / CNPq/ IFSUL. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL Pelotas – RS; Pedagogo pela ULBRA. Poeta.

Ursula Rosa da Silva Dr.^a em Educação. É líder do grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória* (CNPq/UFPEL), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas – RS

Vera Lúcia Cardozo Bagatini Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas - RS. Graduada em Letras – Habilitação Espanhol – pela UFPEL, professora da Rede Municipal de Pelotas - RS.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-00-0



9 788585 107000